

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E  
TURISMO

JÚLIA MENI REIS CALOVI FAGUNDES (Nº USP 9800882)

**A LINGUAGEM SOBRE CORPOS NO CONTEXTO DE  
JOVENS MULHERES COM DISTÚRBIO ALIMENTAR**

SÃO PAULO

2020

JÚLIA MENI REIS CALOVI FAGUNDES (Nº USP 9800882)

**A LINGUAGEM SOBRE CORPOS: O CONTEXTO SOCIAL  
DE JOVENS MULHERES COM DISTÚRBIO ALIMENTAR**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito  
para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação  
Social da Escola de Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pompeu

SÃO PAULO

2020

JÚLIA MENI REIS CALOVI FAGUNDES (Nº USP 9800882)

**A LINGUAGEM SOBRE CORPOS: O CONTEXTO SOCIAL DE  
JOVENS MULHERES COM DISTÚRBIO ALIMENTAR**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito  
para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação  
Social da Escola de Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo

---

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pompeu

---

Avaliador: Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho

---

Avaliadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Débora Anger

---

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Escola de Comunicações e Artes  
São Paulo - SP

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este projeto às mulheres. As de todo o mundo; de todas as cores; de todos os tipos; de todas as etnias; de todas as raças; de todos os sonhos. Dedico, em especial, às que já passaram ao menos um dia de suas vidas questionando-se do seu valor pelo corpo que têm, pelos seus hábitos, pelas suas formas: pela sua beleza.

Sejam belas, pois assim o são. Sejam livres, pois assim nasceram para ser.

Sejam exemplo, porque assim somos, em razão de nossas eternas vitórias.

## AGRADECIMENTOS

2 de fevereiro de 2016: um dia inesquecível. Depois de alguns anos em luta pela vida e mais um pelo ingresso na tão sonhada Universidade de São Paulo, o sonho se tornou realidade: o nome da 49<sup>a</sup> dos 50 aprovados na primeira chamada da graduação em Publicidade e Propaganda na Escola de Comunicações e Artes era igualzinho ao meu – e olha que eu tenho 4 sobrenomes e Júlia com acento.

Meu irmão, que há pouco se tornara o "mais velho", com a recém gestação do nosso terceiro companheiro Vítor, ainda na barriga, havia me convencido na noite anterior de que a aprovação na FUVEST devia ser o meu sonho. Por sorte, acaso, mérito: não sei porquê ao certo, mas, por bem, enfim, o sonho seria de apenas uma noite de verão. Na manhã seguinte, tornara-se vida real.

Fui acordada (como era raro em um ano de madrugadas de estudo) tarde da manhã, com minha mãe e meu Mano gritando "PARABÉNS!" ad infinitum e ao menos 3 chamadas perdidas de cada um dos meus mais de 20 parentes mais próximos. Todos já sabiam: eu estava na USP, com que sonhava antes do despertar.

Mais alegre que naquele dia, me tornei ao dar início à vida universitária: nunca nenhum ar me deu com tanta força a sensação de liberdade como me deu o da saudosa Prainha – que era mais livre à época, ainda sem grades.

Desde então, me joguei a uma vida rica e diversa. Sentirei saudades, mas sei que aproveitei cada segundo ao máximo, e por isso agradeço a cada um que trilhou essa jornada comigo.

Agradeço à minha família, que tanto me apoiou em percorrer o caminho em busca dos meus sonhos. Agradeço, em especial, à minha Mãe, Alessandra, ao meu Pai, César Augusto, e ao meu Mano, Rodrigo, pelo incentivo em fazer parte da história de uma Universidade Pública, pela qual hoje luto. Agradeço imensamente pela vida do Pequeno Vítor, que tanta força e inspiração emana. Agradeço pela parceria do meu eterno companheiro, Pedro Salles, responsável por encontrar ao menos metade das citações aqui presentes e por compartilhar comigo sua esperança por um mundo melhor e mais justo. Agradeço, ainda, a todos os meus colegas de vida universitária, incluindo os da minha primeira experiência profissional – meus co-diretores na ECA Jr. – e, sobretudo, os que partilharam comigo seus momentos de luta, cantando de "Prainha Fica!" a Belchior, por ao menos uma madrugada por semana. Nesse

ramo, agradecimentos especiais à Giovanna Stael pela sua doçura, ao Guilherme Weffort pela insistência na minha participação na militância, ao Paulinho Vicente pela sua memorável presença, à Maria pela sua confiança no nosso movimento, ao José Paulo Mendes, pelas suas árvores e flores e etc e tal, e a todos que compartilharam comigo suas bandeiras, que ouviram minha impaciência todas as quartas-feiras de noite e que redobraram a bagunça segundos depois de cada uma de minhas arrumações na nossa amada Salinha.

Agradeço ainda ao Leleba, ou Prof. Leandro, pela oportunidade de com ele estruturar meu primeiro projeto acadêmico em nome da FAPESP, em parceria com o Diego Senise, admirável empreendedor, e ao Bruno, pelas aulas mais esclarecedoras das minhas razões de ali estar, na USP, e pela orientação para um projeto que a mim muito marcou, e que hoje vos apresento.

Finalmente, meu muito obrigada por todas as mulheres que participaram desse projeto comigo, disponibilizando o livro de suas vidas à pesquisa.

Obrigada, USP: você, realmente, valeu a pena. Nossa história não termina aqui. Ao CALC, digo ainda: voltaremos!

## **RESUMO**

Neste trabalho discutiremos alguns autores de estudos sobre a comunicação no contexto social de mulheres que sofrem de distúrbios alimentares, e realizaremos a análise da linguagem apresentada em entrevistas em profundidade com mulheres já recuperadas da Anorexia ou da Bulimia. As metodologias serão aplicadas sob a perspectiva de compreender de que forma a comunicação pode ser um fator social que impulsiona comportamentos e hábitos na tentativa pessoal de se enquadrar em determinados padrões.

**Palavras-chave:** comunicação, linguagem, distúrbio alimentar, corpo, feminino

## **ABSTRACT**

In this paper we will discuss some theories about the communication in the social context of women who suffer from eating disorders and we will analyse the language they presents in the act of remembering this past situation, from what they bring in the depth interviews with those young women who are already recovered from Anorexia or Bulimia. The methodologies will be applied from the perspective of understanding communication as a social factor that drives behaviors and habits in the personal attempt of people to meet certain standards.

**Keywords:** communication, language, eating disorder, body, female

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>11</b>
1.1 TRANSTORNOS ALIMENTARES	11
1.2 A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM	16
1.3 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA DIGITAL	18
<b>2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE</b>	<b>24</b>
<b>3 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>27</b>
3.1 RELATOS DA ADOLESCÊNCIA	27
3.2 O MODELO DE CORPO ADMIRADO	31
3.3 O OLHAR PARA O PRÓPRIO CORPO	33
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>43</b>

## **INTRODUÇÃO**

A realidade social é moldada a todos os instantes pelos valores ideológicos que nos cercam. A visão de cada indivíduo é impregnada de ideologia, munida, então, de estereótipos diversos, que permeiam a existência humana em todos os aspectos da sua individualidade (HELLER, 1985). A linguagem, como ferramenta de materialização do pensamento, reproduz nos discursos sociais os estereótipos sobre os temas mais diversos da vida em coletividade, incluindo os que dizem respeito às questões de gênero, aos padrões de beleza e à união de ambos eles: a imposição de padrões de beleza varia de acordo com as questões de gênero e utiliza-se da comunicação para alcançar o seu interlocutor a fim de que ele corresponda a tais expectativas.

É através da linguagem que se veem materializados os pensamentos dos participantes do ciclo social – linguagem essa tecida de princípios ideológicos e estereótipos, idealizados para a mais fácil compreensão da imensa variedade percebida no universo social. A visão do homem passa sempre pelas lentes da sua visão social - munida, por sua vez, de estereótipos de todos os tipos. As atitudes, como concretização particular do pensamento coletivo, são, por fim, também influenciadas pela mentalidade estereotipada.

Dessa forma, o estudo da linguagem verbal torna-se fundamental para que possamos compreender os fenômenos coletivos, sendo ela a base de sentidos e significados com potencial influenciador da realidade. Afinal, é o uso da linguagem – a comunicação – o que possibilita as interações sociais, quaisquer que sejam suas motivações. Em outras palavras, a linguagem permeia todas as ciências e discussões e está fortemente relacionada à cultura, incluindo as culturas do estereótipo de gênero e do culto ao corpo, refletidas ambas no predomínio de distúrbios alimentares em vidas femininas.

Como valores construídos na vida em sociedade, o culto ao corpo feminino encontra na comunicação a matéria para se reproduzir e se fortalecer. Nos ambientes de maior intimidade, decorrente de uma maior convivência, assuntos relacionados ao que se tem como bem-estar e saúde são pautas do cotidiano, incluindo questões sobre a prática de exercícios físicos, os hábitos alimentares, preferências estéticas em si e em outrem, etc. Essas interações comunicacionais são carregadas de conotações balanceadas entre positivas e negativas e influenciam, ao longo do processo educacional (doméstico e escolar), na tomada de decisões dos seus participantes.

De todas essas mensagens e de sua respectiva semiotização, qual a mensagem que fica às jovens mulheres que se colocam como suas receptoras, direta ou indiretamente, a respeito de suas formas físicas e de seus comportamentos alimentares? O que se grava em suas mentes sobre os hábitos nutricionais recomendados e reprimidos em seus ambientes de convívio, em que constem as redes sociais e os ambientes domésticos?

Esta monografia tem como objetivo verificar qual relação pode ser estabelecida entre o desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes do sexo feminino e o que se transmite de ideias e valores sobre corpos femininos e alimentação através da comunicação verbal estabelecida nos seus ambientes de maior convivência. Assim, a monografia, após a aplicação de entrevistas em profundidade e a análise linguística do que nelas foram apresentados, terá em consideração que os ambientes domésticos e escolares das participantes formulam ou fortalecem uma determinada cultura estética e/ou alimentar sobre conceitos referentes ao corpo e à nutrição.

## **1. REVISÃO DA LITERATURA**

### **1.1 Transtornos alimentares**

A Anorexia e a bulimia são conceituadas como os dois tipos principais de distúrbios de conduta alimentar (DOYLE; BRYANT-WAUGH, 2000), caracterizadas "pela abstenção voluntária dos alimentos e pela ingestão compulsiva, seguida de vômitos, respectivamente" (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 1998, p. 45). Os autores da pesquisa classificam ambas as síndromes como uma composição de distúrbios psicológicos e comportamentais, predominantes em adolescentes do sexo feminino de classes socioeconômicas média e alta, ainda mais frequente em países desenvolvidos, mas também crescente em países subdesenvolvidos.

As adolescentes de sexo feminino apresentam um nível de insatisfação corporal superior aos adolescentes de sexo masculino. Pesquisas mostram que cerca de 30% das mulheres na faixa etária de 12 a 29 anos controlam o peso com a adoção de dietas severas, o uso de laxantes e diuréticos e a provocação de vômitos (NUNES, 1998). Em um estudo com 356 adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária entre 14 e 19 anos, 93% dos homens disseram estar satisfeitos com seu corpo, enquanto apenas 50% das mulheres encontram-se satisfeitas (HOFFMAN-MÜLLER; AMSTAD, 1994). Outra pesquisa, datada de novembro de 2019, revela ainda que 90% dos pacientes de anorexia e bulimia são do sexo feminino.<sup>1</sup>

Tratando-se da anorexia, em separado, levantamos aqui a sua primeira conceituação, publicada por Morton (MORTON, 1985), como uma doença que induz, em maior importância, jovens adolescentes do sexo feminino (cerca de 90% dos pacientes), à ação voluntária de interromper a ingestão de alimentos como resposta a um medo de engordar, com perda progressiva de peso, podendo chegar a graus extremos que levam as pacientes da desnutrição à morte. A anorexia nervosa resulta em intensa e intencional perda de peso (no mínimo de 15% do peso corporal anterior ao início do emagrecimento) como resultado da realização de dietas altamente restritivas procuradas por uma busca ininterrupta por magreza absoluta e distorção da imagem corporal (DOYLE; BRYANT-WAUGH, 2000; SAITO; SILVA, 2001; CORDAS, 2004).

---

<sup>1</sup> Transtornos Alimentares atingem mais mulheres do que homens. G1 – São Paulo, 18/11/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2019/11/18/transtornos-alimentares-atingem-mais-mulheres-do-que-homens.ghtml>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

Os quadros são caracterizados clinicamente como "síndromes psicossomáticas" (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 1998, p. 46) , que acrescentam à falta de nutrientes e aos seus resultados físicos "distúrbios psicológicos como depressão, fobias, compulsões, preocupação obsessiva com os alimentos, distorção de imagem corpórea, entre outros" (1998, p. 46). Imagem corpórea (ou corporal) pode ser definida como uma construção multidimensional como forma de representar a aparência física para si mesma(o) e para outrem, integrando aspectos como satisfação com o peso e percepção de tamanho (BANFIELD; MCCABE, 2002). Alguns comportamentos como obsessividade – sobretudo no que tange à nutrição –, perfeccionismo e introversão também são comuns em pacientes anoréxicos (RASTAM; GILLBERG, 1992).

Transtornos alimentares são considerados um tabu social, vistos como uma patologia ocasionada unicamente por percepções distorcidas dos seus próprios desenvolvedores: segundo DiNicola (1990), porém, um modelo de compreensão dos transtornos alimentares que explique sua ocorrência e sua distribuição deve incluir necessariamente a abordagem do contexto sociocultural onde ocorrem, respeitando a concepção da anorexia e da bulimia – entre outros – como patologias sociais da sociedade moderna e com predominância relevante em determinado público – mulheres ocidentais de estratos sociais elevados durante sua jovialidade (Hsu, 1996).

A doença se faz mais presente em jovens de famílias de alto nível social, que "apresentam padrões inadequados ou destrutivos de relacionamento inter-pessoal, caracterizados por uma aparente harmonia, mas por poderosos conflitos subjacentes" (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 1998, p. 46). Nesse cenário, os pesquisadores citam que as jovens pré-anoréxicas abdicam de suas características pessoais para corresponder às expectativas familiares, com um comportamento perfeccionista e grande dedicação aos padrões proferidos por seus antecessores.

O maior índice da doença em jovens de sexo feminino em fase pré-adolescência ou na própria adolescência advém das tendências biológicas e comportamentais que fazem parte dessa fase de construção da feminilidade por parte das adolescentes, que passam então por uma série tumultuosa de mudanças "de esfera biológica, psicológica e social" que lhes apresentam novas sensações, antes desconhecidas pelos seus comportamentos "socialmente ajustados" (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 1998, p. 46), como as de ineficiência e descontrole sobre a vida, o que inclui seus próprios corpos. A imagem corporal é um

importante aspecto psicológico durante essa fase: segundo dados estatísticos, de 50 a 80% das adolescentes americanas querem emagrecer e de 40 a 70% das adolescentes estão insatisfeitas com o seu corpo devido à adiposidades em seus membros inferiores.

A bulimia nervosa, por sua vez, foi considerada como uma doença apenas na década de 80 – antes, ela era caracterizada como sintoma coadjuvante da anorexia nervosa. Por definição, trata-se esta de uma síndrome caracterizada por surtos de ingestão de volume abundante de alimentos, de maneira quase que desenfreada ou compulsiva (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013) associada ao sentimento de descontrole sobre o comportamento alimentar e preocupação excessiva com o controle do peso corporal, seguidos por comportamentos compensatórios de eliminação, como vômitos, uso abusivo de laxantes, diuréticos e atividade física excessiva. (DOYLE; BRYANT, 2000; SAITO; SILVA, 2001; CORDAS, 2004) "Esses acessos incontroláveis de ingestão alimentar ocasionam sentimentos de culpa, vergonha e depressão pela falta de controle" (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 1998, p. 46), acrescentam os autores citados anteriormente. Estudos datados de 2001 e 2004 apontam uma maior probabilidade de a doença ter início aos 20 anos de idade. (SAITO, SILVA, 2001; PHILIPPI; ALVARENGA, 2004).

Embora classificados separadamente, ambos os transtornos apresentam uma etiologia comum no que tange à preocupação excessiva com o peso e com a forma corporal, acompanhados de um medo obsessivo de engordar. Além disso, Cordás (2004); Claudino e Borges (2002), ao proporem uma discussão atualizada dos critérios diagnósticos desses transtornos psiquiátricos, salientam que em ambos há uma distorção da imagem corporal com perturbações graves na forma de as jovens mulheres relacionam-se com seu peso.

Suas causas são as mais diversas, de fatores sócio-culturais, econômicos, biológicos e familiares, que andam juntos no impulsionamento das doenças de tendências a diagnósticos clínicos. Os transtornos alimentares (TAs) têm, portanto, uma etiologia multifatorial, ou seja, são determinados por um conjunto diverso de aspectos biológicos, genéticos, psicológicos, socioculturais e familiares "que interagem entre si para produzir e perpetuar a doença" (BORGES et al., 2006, p. 340).

Ainda não é possível destacar dados atualizados referentes à incidência nacional desses distúrbios alimentares devido à subnotificação e à dificuldade, ainda presente, de se concretizar um diagnóstico, visto que somente os pacientes com casos mais graves procuram tratamento (PALMA; SANTOS; RIBEIRO, 2013). Além disso, encontram-se limitações para

as pesquisas brasileiras sobretudo no que tange à "dificuldade de formação da equipe; custo do tratamento; interação entre pesquisadores; formação de orientadores; ausência de terapeutas comportamentais e falta de investimentos" (CARMO; PEREIRA; CÂNDIDO, 2014, p. 173). De acordo com o levantamento, os custos de hospitalização de uma paciente com o diagnóstico de transtorno alimentar nos Estados Unidos foram orçados em quase 87 mil reais para anorexia e pouco mais de 48 mil reais para bulimia (VITIELLO; LEDERHANDLER, 2000).

Apesar da inconcretude dos dados, estima-se que 0,5 a 4% das mulheres desenvolvam Anorexia Nervosa e de 1 a 4,2% desenvolvam Bulimia Nervosa (AMBULIM, 2013). "A incidência de transtorno alimentar é maior no sexo feminino, sendo a incidência de anorexia de aproximadamente 8 por 100 mil indivíduos. Em homens, estima-se que seja menos de 0,5 por 100 mil indivíduos por ano." (NIELSEN, 2001). Outro estudo, com 10.123 adolescentes entre 13 e 18 anos, mostrou prevalência de 0,3% de anorexia e 0,9% de bulimia na amostra (SWANSON; CROW; LE GRANGE; SWENDSEN; MERIKANGAS, 2011). Segundo Lira (2006), a expansão dos casos de anorexia entre jovens mulheres é acelerado a partir da década de 1990, pelo uso da Internet.

Tais padrões se impõem com mais severidade às mulheres, com uma proporção de transtorno alimentar de 3 mulheres para cada homem (HERCOWITZ, 2015), porque têm elas na aparência física uma importante medida de correspondência com as expectativas sociais e, por fim, de valor pessoal. Entretanto, o ideal de magreza é realidade para poucas, visto que cada corpo corresponde de uma forma à ingestão alimentar e mesmo à prática de exercícios físicos, de acordo com fatores genéticos determinantes e com aspectos socioeconômicos e culturais.

Buscando o corpo considerado atraente e socialmente aceito, desenvolve-se o transtorno alimentar (LUDEWIG et al., 2017). A insatisfação com a forma física pode acarretar no desenvolvimento da distorção da própria imagem, que elevam a probabilidade do planejamento de práticas radicais de dieta e atividade física (GONÇALVES; MARTÍNEZ, 2014). Deste modo, torna-se cada vez mais comum a insatisfação com as próprias formas físicas, "campo fértil para o desenvolvimento dos transtornos alimentares" (SIMAS; GUIMARÃES, 2002, p. 119).

Diante de diversos estudos, a Associação Brasileira de Transtornos Alimentares (Astral) classifica os diversos fatores do contexto de desenvolvimento desses distúrbios como

predisponentes, precipitantes e mantenedores. Influências biológicas, genéticas e psicológicas do indivíduo configuram-se como fatores predisponentes – aqueles que aumentam a chance do aparecimento do Transtorno Alimentar (MORGAN et al, 2002). Entre eles, destacam-se, novamente: sexo feminino, baixa auto-estima, traços perfeccionistas, instabilidade afetiva, agregação familiar, padrões de interação familiar como rigidez, intrusividade e evitação de conflitos (MORGAN et al., 2002; BORGES et al., 2006).

Como fatores precipitantes (ou desencadeadores), configuram-se o ambiente social, cultural e familiar de desenvolvimento do indivíduo. O ato incentivado de fazer dietas é considerado fator precipitante para o ocasionamento de distúrbios nutricionais como a anorexia e a bulimia, uma vez que indivíduos que fazem dieta apresentaram risco 18 vezes superior ao desenvolvimento destes do que os que nunca as fizeram (PATTON, 1999). Explica-se: restringir a ingestão de alimentos de maneira excessiva e rápida favorece o surgimento de compulsões alimentares ou comportamentos nutricionais cada vez mais restritivos, que ampliam os graus de desnutrição, de distorção da imagem corporal, o medo de engordar e o desejo de emagrecer, em ciclo infinito retroalimentado (GOWERS; SHORE, 2001). Como fatores mantenedores, por sua vez, têm-se o desenrolar das relações familiares e as expressões culturais em evidência em cada tempo – hoje, por exemplo, o ideal de perfeição veiculado pela publicidade. Reforçam estes a perpetuidade dos transtornos, através de atos de glorificação do sucesso em controlar o peso, tão valorizados culturalmente, em indivíduos que costumam vivenciar sentimentos de baixa autoestima e sensação de falta de controle sobre a própria vida (BORGES et al., 2006; MORGAN et al., 2002).

As mães – como um exemplo de figura importante na educação doméstica que serve como referência de comportamento e aparência para crianças e adolescentes – têm papel fundamental na formação da opinião de seus filhos quanto ao valor da aparência, do peso e da forma corporal. Constatou-se, pois, serem as mães de pacientes com transtorno alimentar mais críticas e preocupadas com o peso das filhas, incentivando-as a fazer dieta (GOWERS; SHORE, 2001). Comentários maternais parecem exercer maior potencial de influência do que a sua modelagem ou preocupações com peso e forma corporal (OGDEN; STEWARD, 2000).

Pesquisa realizada em 2006 com frequentadoras de academias de ginástica demonstrou que a preocupação com a beleza é presente em todas as mulheres entrevistadas e todas adaptam suas rotinas a diversas práticas para livrar-se do que caracterizam como defeitos em suas formas físicas (Novaes, 2006). Para a pesquisadora do artigo, esse fenômeno é

potencializado pelas exigências promovidas pela sociedade contemporânea, que exerce maior controle sobre os corpos de mulheres, em específico. Nesse cenário, Novaes (2006) afirma que aqueles que então se identificam com o gênero masculino centram sua auto-imagem em conquistas sociais e econômicas, enquanto mulheres constroem seu próprio valor com base no seu corpo, sobretudo. A autora, então, destaca que a auto-estima feminina requer esforços, investimentos financeiros e tempo, para além da incidência dos transtornos alimentares disso resultantes.

*A beleza da mulher deve ser apreciada nos detalhes, um mero descuido, um simples desleixo e pronto, já é suficiente para a feiúra nela aparecer. Um simples descascado no esmalte, uma maquiagem fora do tom, uma depilação por fazer, o uso de uma roupa fora das últimas tendências da moda ou uma raiz mal feita já são aspectos suficientes para emergirem duras críticas à sua imagem.* (NOVAES, 2006, p. 71)

Seguindo a análise sobre a relação entre as questões do gênero feminino e a incidência de transtornos alimentares, Bordo (1997) revela que a submissão dos corpos das mulheres aos modelos estéticos que elas consomem configura-se como uma forma de reafirmar "as configurações de gênero existentes contra quaisquer tentativas de substituir ou transformar relações de poder" (BORDO, 1997, p. 21). Para Novaes (2006), a busca da feminilidade está diretamente relacionada com o cuidado e o controle sobre o corpo, tratando-o como uma ferramenta de se apresentarem "através de imagens normalizadoras amplamente difundidas nos discursos vigentes e que definem o que é ser ou não ser mulher hoje" (NOVAES, 2006, p. 71).

## 1.2 A influência da linguagem

Por mais que a comunicação, em si, não seja exclusiva aos seres humanos, temos por diferenciais as capacidades de atribuir-lhe sentidos, de construir diálogos e de utilizar a memória de nossas experiências para a construção de mensagens. Assim, a linguagem, enquanto meio de comunicação humana, estabelece o papel de fator principal para a nossa caracterização como humanos, visto que, sem ela, seria fortemente limitada a nossa percepção do meio e do tempo, além das relações interpessoais dialógicas (FIORIN, 2012).

Linguagem e cultura, ainda, são fatores de mútua influência: o ambiente cultural molda a linguagem nele aplicada, bem como a cultura deste sofre influências dos costumes linguísticos ali estabelecidos. São esses aspectos intimamente relacionados da nossa vida social, fatores estes que se modificam e se reinventam constantemente. Dito isso, são ambos

influentes sobre o contexto social, acrescentando-se que, para Ferdinand Saussure (SAUSSURE, 1970), a língua é o lado social da linguagem, composta por um sistema de signos que extrapolam os limites físicos do indivíduo; que a obedecem, sendo ela condizente com as leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade.

De acordo com as ideias de Saussure, configura-se como signo uma unidade psíquica composto de significado e significante, ao passo em que significado é o conceito abstrato e o significante é a materialização do signo. Nesse contexto, Saussure acrescenta o papel social da fala, caracterizada, então, como um ato individual resultante das combinações feitas pelo sujeito falante aplicando o código da língua, expressa pelos mecanismos fonoaudiólogos (FIORIN, 2007).

Para Bakhtin, o fenômeno da linguagem é intrínseco à vida em sociedade. Todo corpo físico pode ser, então, percebido como símbolo, convertido em signo que, "sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade" (BAKHTIN, 2002, p. 21).

Todo signo e, portanto, toda a linguagem, está sujeito à ideologia – que, sem ele, não existe. O domínio do ideológico e o domínio dos signos são mutuamente correspondentes, fato este que inclui a tudo que é ideológico um "valor semiótico" (BAKHTIN, 2002, p.22). Como fundamento da linguagem, os signos só emergem das interações entre duas ou mais consciências individuais, cada uma já composta por uma infinidade de signos advindos de suas interações anteriores. Consciências estas definidas pelo conteúdo ideológicos nelas impregnado e, portanto, produtos de interação social (BAKHTIN, 2002).

A materialização da comunicação inter-pessoal, resultante de interações, se dá a partir dos signos (ideológicos). Nas palavras, pois, "está o modo mais puro e sensível de relação social" (BAKHTIN, 2002, p. 26).

Vale conceituarmos, também, a caracterização da linguagem como discurso, de cuja análise nos permite "compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens" (GREGOLI, 2007, p. 11). Maingueneau (2002) conceitua o discurso como ferramenta de apreensão, retenção e atenção sobre uma comunicação verbal, a partir de funções que lhes são próprias como a de orientar-se para uma função definida, constituir ato que visa mudar uma situação, ser contextualizado, sempre relacionado a outros discursos e assumido por um sujeito, etc.

Os signos, junto das funções psíquicas do homem, são os fundamentos do comportamento humano. Esses, materializados nas palavras, desempenham o papel de intermediar a gênese dos conceitos, que transformam-se, por fim, em símbolos (VYGOTSKY, 2005).

O significado que atribuímos às palavras se torna um fenômeno do pensamento quando reproduzido pela fala e um fenômeno linguístico quando, além de relacionar-se ao pensamento, é por este iluminado. Têm-se nas palavras, então, o "fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante — uma união do pensamento e da linguagem" (VYGOTSKY, 2005, p. 119). Pensamento e palavra relacionam-se em um movimento contínuo, em um processo que altera cada um destes participantes no decorrer do seu desenvolvimento. Para além de exprimir o pensamento humano, as palavras também permitem-lhe a existência. (VYGOTSKY, 2005)

Sendo função da língua a materialização da ideologia, sua aplicação exerce finalidades diversas, executadas através das interações sociais. Dessas, a mais importantes para o presente estudo é a finalidade persuasiva – da linguagem que conhecemos como retórica. Nessa prática, o sujeito enunciador preocupa-se não com o conteúdo comunicado, mas sim com sua forma. Tal conceituação se faz importante para que possamos compreender a comunicação de massa, exercida pela mídia.

A linguagem transforma as nossas experiências de uma simples comunicação interpessoal na materialização do que percebemos do mundo. Recebemos fortes influências das mídias que nos cercam, fato este importante para a formação do nosso sujeito social com suas particularidades, que incluem nossas opiniões, que não pode ser dissociada das informações que recebemos ao longo de toda a nossa vida e, portanto, também da mídia. Nossa percepção de mundo reflete a nossa capacidade de compreender as circunstâncias da comunicação midiática e criticá-la.

### **1.3 A influência da mídia digital**

Os meios de comunicação colocam-se nas pesquisas como transmissores dos ideais socioculturais de uma época (HARRISON; CANTOR, 1997). O padrão estético veiculado em revistas de moda, por exemplo, expõe mulheres jovens, altas e extremamente magras, de musculatura enrijecida, definida, mas sem excesso algum de massa, comunicando, assim, um ideal feminino de beleza de acordo com esses parâmetros. O fato de o ideal de magreza estar

cada vez mais presente na mídia reforça os altos níveis de descontentamento com a forma física e, como resultado, distúrbios alimentares. Existe hoje, porém, uma propagação excessiva, entre os meios de comunicação, dos "estereótipos da beleza, as regras capazes de garantir a saúde corporal e as diversas técnicas disponíveis para que cada um administre a metamorfose adequada de sua imagem" (COUTO, 2000, p. 128) como padrão de referência estética.

Beleza, de acordo com o Dicionário Michaelis, conceitua-se como "Característica do ser ou daquilo que apresenta harmonia de proporções e perfeição de formas", "Caráter do ser ou da coisa que desperta admiração", "Qualidade, propriedade, natureza ou virtude do que é belo". Trata-se, portanto, de um atributo subjetivo, mensurado a partir de valores e padrões sociais, resultando na variação do conceito de beleza no decorrer da história da humanidade. Desde a década de 1990, com maior veemência, a mídia ocidental e oriental promove um culto ao corpo de mulheres magras como o ideal do corpo belo, sendo este considerado um dos fatores culturais de maior influência para o aumento da ocorrência de transtornos alimentares relacionada à maior exposição de adolescentes à mídia, a partir, sobretudo, do advento da internet (UZUNIAN; VITALLE, 2015).

As exigências contemporâneas relacionadas ao modelo corporal (de formas físicas finas, estreitas e bem definidas) e aos hábitos alimentares ("coma mais disso", "jamais coma aquilo", "coma assim", "coma assado"), para além dos referentes à prática de atividades físicas e, por conseguinte, ao geral estilo de vida que cada indivíduo deve ter para corresponder às expectativas do que é certo e admirável aumenta a incidência dos casos de distúrbios psicossomáticos como os alimentares (PEDROSA; TEIXEIRA, 2015). Hábitos e práticas alimentares, como parte do estilo de vida dos sujeitos, são construídos sob forte influência das determinações socioculturais, comunicadas, reproduzidas e, assim, fortalecidas pela mídia.

A mídia, acompanhada pela indústria da beleza, promove a mensagem de que a mulher que quer consegue adquirir o corpo que deseja, que isso depende apenas dela e da sua determinação e que da definição das suas formas físicas advém melhores e maiores conquistas materiais e emocionais. O corpo assume o papel, assim, de protagonista da trama da vida de mulheres, como o definidor dos seus rumos. Programas de bem-estar e fitness difundidos na televisão e, agora, disseminados pelo YouTube, validam socialmente essa regra, que

transforma em verdade a conceituação da magreza como padrão estético predominante (VALE; ELIAS, 2011).

Moda e publicidade andam juntas na construção de modelos corporais e na divulgação de "segredos mercantilizados" através dos quais as consumidoras possam se aproximar dos seus modelos ideais. "Basta que se [...] consumam determinados produtos – do vestuário aos cosméticos; da alimentação natural aos dietéticos; da vida ao ar livre às práticas esportivas; [...] aos medicamentos e intervenções cirúrgicas" (COUTO, 1999, p. 130). A sociedade, em maioria as jovens do sexo feminino, adaptam-se, então, a hábitos e práticas em busca do corpo ideal.

As transformações sociais, econômicas e tecnológicas que resultam no que definimos como atualidade revolucionaram o modo como nos comunicamos. Hoje, "a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas" (CASTELLS, 1999, p.43), presentes na maioria de nossos afazeres humanos e de sociabilidade. Afinal, "da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70" (LEMOS; CUNHA, 2003, p. 11) emerge uma nova sociabilidade, denominada cibercultura.

Por cibercultura, têm-se "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1996, p. 17), visto como um lugar de expressões democráticas, com pouca censura e o surgimento e inúmeras interações, a partir da possibilidade de compartilhamento dos conteúdos. É, então, um espaço formado por comunidades de valores, interesses e aspirações compartilhados, reforçando, também, alguns comportamentos (BITTENCOURT; ALMEIDA, 2013). É no ciberespaço que os indivíduos da atualidade constroem suas identidades.

Pensar em comunicação digital é falar de redes sociais (nome dado a meios como o Facebook, WhatsApp, Instagram, entre outros). São esses ciberespaços propícios para a troca de informações, de conhecimento e de experiências e para promoverem-se interações. Trata-se, portanto, de um espaço de subjetividade, que possibilita aos seus usuários apresentarem-se da maneira como desejam ser vistos e reinventar, pois, sua identidade. De acordo com as reflexões de Stuart Hall (2006), no processo de globalização, o sujeito não possui apenas uma identidade unificada e estável, ele assume "identidades diferentes em

diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Os adolescentes são o público mais assíduo ao consumo de conteúdos das redes sociais e estão sendo cada vez mais influenciados pelo culto ao corpo ideal, promovendo neles hábitos inadequados de alimentação e auto-estima, que podem facilitar o desenvolvimento futuro de transtornos alimentares (LUDEWIG et al., 2017).

A garantia do anonimato faz das comunidades online um importante meio de comunicação entre adolescentes com transtornos alimentares. Páginas online chamadas como "pró Ana" (que ensinam a desenvolver a anorexia) e "pró Mia" (pró desenvolvimento da bulimia) impulsionam comportamentos patológicos nos seus usuários, na defesa de um estilo de vida com nutrição altamente restritiva com a ideia de ser esse o caminho para a conquista da magreza, ali defendida como corpo ideal.

Estudo datados de 2013 (BITTENCOURT; ALMEIDA) mostra ser o público mais frequente dessas comunidades adolescentes do sexo feminino com baixa auto-estima e insegurança, que buscam no ciberespaço alguma forma de pertencimento e validação social. Cresce pela cultura ocidental o número de estudos sobre o aumento do consumo de internet entre adolescentes, bem como sobre uma possível relação de dependências desses com tal tecnologia e suas possíveis consequências (LOPEZ-FERNANDEZ; FREIXA-BLANXART; HONRUBIA-SERRANO, 2013). O público adolescente é o mais representativo nesse meio de consumo, o que agrega importância à compreensão dos efeitos vantajosos e negativos do uso de tecnologias (SPIZZIRRI; WAGNER; MOSMANN; ARMANI, 2012).

Com o surgimento do século XXI, a sociedade passou por um aceleramento das transformações tecnológicas advindo da maior globalização: tecnologias e pensamentos se aliam para ultrapassar fronteiras. Hall (2006) afirma que a globalização se refere aos processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, “integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2006, p. 67). Nesse contexto, desenvolvem-se com mais celeridade as plataformas mobile – smartphones e tablets – que permitem o consumo de informações e as interações online a qualquer horário e de qualquer lugar. Junto disso, aumenta o uso das redes sociais, com o aumento da propagação de imagens da vida real, em geral registradas de acordo com o padrão estético vigente em prol de lucratividade financeira ou social (MACIEL, 2013).

As redes sociais e a globalização andam juntas no desenvolvimento tecnológico, possibilitando a constante e ininterrupta troca de informações e ideias, das concretas às mais subjetivas, que possibilitam aos seus usuários a sensação de se reinventar e se moldar. Os perfis são criados conforme seus usuários querem ser vistos, de acordo com as expectativas daqueles que querem alcançar e agradar. Perfis que se criam para convencer, fazendo do processo de representação de si mesmo uma plataforma para alcançar a identidade desejada (HALL, 2006). Identidade, por sua vez, é definida por Dubar (1997) como uma construção social, dinâmica e processual, relacionada com a história de vida da cada sujeito e que remete ao seu imaginário de pertencimento e reconhecimento dos seus traços em comunhão com outros indivíduos do mesmo espaço-tempo (DUBAR, 1997).

As comunidades presentes e fortalecidas no ciberespaço compõem-se de um grupo de pessoas unidas por compartilhar de certos hábitos e estigmas. Uma comunidade “não se refere muito a um grupo específico de pessoas fisicamente reunidas, mas unidas em certos hábitos que eles têm em comum” (LÉVY, 1996, p. 73). Nas redes sociais, “o que era interno e privado, torna-se externo e público” porque “uma emoção posta em palavras ou desenhos pode ser mais facilmente compartilhada (LÉVY, 1996, p.73).

Nesses espaços, ganha importância a fotografia, devido ao fato de permanecer a humanidade, aos olhos de Sontag (1981) “presa dentro da caverna de Platão, regalando-se ainda, como é velho hábito, com meras imagens da realidade” (SONTAG, 1981, p. 3). A fotografia difere-se do espectro real e tangível, como discutido por Manguel (2001), pois, ao contrário de fotos, o mundo real não se enquadra e não pode ser capturado de acordo com as vontades do fotógrafo. De todo modo, faz-se fenômeno comum o olhar para fotografias com uma associação direta e, por vezes, imperceptível, com o real e concreto.

Deve-se considerar que as imagens evidenciadas por investimento publicitário resultam da doação de cada profissional de imagens de partes do seu corpo que consideram mais belas, “para que a imagem de um ser insuperável possa ser produzida” (COUTO, 2000, p. 144), sem mencionar, ainda, a manipulação das fotografias a serem publicizadas. Imagens compartilhadas em redes sociais influenciam diretamente em uma autoimagem distorcida por parte das adolescentes de sexo feminino, público majoritário dessas plataformas (REOLID-MARTÍNEZ et al., 2016) que procuram nelas um pertencimento social e tendem a internalizar um ideal de corpo magro ali prevalecente (MEIER; GRAY, 2013). Sendo que “toda fotografia (ampliada, cortada, tirada de determinado ângulo, iluminada de certa forma)

cita a realidade de maneira deturpada” (MANGUEL, 2001, p. 93) pois, como afirma Deleuze (1988), “o mundo moderno é dos simulacros [...], todas as identidades são apenas simuladas, produzidas com ‘efeito’ óptico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e da repetição” de parâmetros socialmente definidos (DELEUZE, 1988, p. 15).

A sociedade vive, hoje, um misto de insatisfação e contentamento contínuos na tentativa de reelaborar suas aparências (COUTO, 2000) em prol da sua normalização. Trata-se de uma cultura imagética e imediatista, para o autor, o que leva um ininterrupto processo de mutação individual em busca da correspondência social. Nota-se a promoção midiática do consumo e de padrões de comportamento e aparência. O corpo magro tem sido midiatizado como um ampliador de status, de competência, de atratividade sexual e de felicidade, advinda de uma grande realização (VALE; ELIAS, 2011). Nota-se, ainda, a discriminação daqueles que não correspondem aos padrões de beleza vigentes, fato este que afeta com mais potência adolescentes do sexo feminino, que se encontram em um momento de reintegração da sua imagem corporal (GONÇALVEZ; MARTÍNEZ, 2014).

## **2. ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE**

A seguir, serão apresentadas entrevistas em profundidade (EPs), metodologia definida como "técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada" (BARROS; DUARTE, 2005, p. 62) e que busca conhecer experiências subjetivas dos participantes. Serão realizadas três entrevistas, todas com mulheres que, durante a adolescência, passaram por transtorno alimentar, agora já curado.

A seleção das participantes se dará, prioritariamente, por proximidade, mas haverá também o peso da conveniência, segundo classificações da obra utilizada como base teórica para a escolha metodológica. Para a seleção de fontes, foi desenvolvido um formulário online, divulgado nos grupos da própria faculdade. Divulgou-se, nesse meio, uma introdução ao tema da pesquisa e o propósito do formulário, com as perguntas abaixo transcritas na sequência:

- 1- Qual seu nome? (pergunta aberta)
- 2- Qual sua idade? (pergunta aberta)
- 3- Você se identifica com o gênero feminino? (Sim/ Não/ Talvez)
- 4- Você já passou por algum distúrbio alimentar? (Sim/ Não/ Talvez)
- 5- Você se classifica como "recuperada" do distúrbio? (Sim/ Não/ Não sei)
- 6- Você aceitaria responder a uma entrevista virtual sobre o tema? Seu nome não será divulgado no trabalho final. (Sim/ Não)
- 7- Contato para participar: WhatsApp. (pergunta aberta)

Ao todo, o formulário recebeu 40 respostas em um prazo de 48 horas. Todas elas foram categorizadas em uma planilha, o que facilitou a seleção das entrevistadas com base em suas respostas e ao propósito do trabalho. Todas as convidadas tiveram, em comum, as seguintes afirmações: se identificarem com o gênero feminino (sendo o projeto direcionado ao estudo do tema na vida de mulheres), terem passado por algum distúrbio alimentar, classificarem-se como recuperadas deste distúrbio e aceitarem responder à entrevista virtual sobre o tema.

Todas as entrevistas seguiram um roteiro-base de questões, partindo do modelo semiaberto (BARROS; DUARTE, 2005), gerando uma conversa natural que respondesse aos

tópicos de interesse dessa pesquisa, em prol do compartilhamento dos fatores que cada uma dessas mulheres se recordam que impulsionaram o surgimento do transtorno.

A partir dessas referências, então, construiu-se um roteiro-base de perguntas que encaminham a entrevista da introdução de seus propósitos às perguntas mais amplas, passando, por fim, ao seu tema mais objetivo: as influências percebidas pelas participantes da comunicação em seus ambientes familiares durante suas adolescências sobre o desenvolvimento de transtornos alimentares, conforme roteiro (APÊNDICE A).

As perguntas foram pensadas para que se construísse uma sensação de confiança na execução das entrevistas, por tratar-se de assuntos tão pessoais e íntimos da vida das participantes. No seu decorrer, todas elas relataram que nunca haviam pensado nas vivências relacionadas aos seus respectivos distúrbios alimentares com tanta profundidade e que essa oportunidade lhes foi proveitosa para, como disseram, permitir-lhes melhor compreensão do que viveram e dos seus porquês.

Apreendida das revisões de literatura a noção de serem os transtornos alimentares fenômenos causados pelo reflexo da ideologia social e dos padrões de comportamento que essa reproduz através da linguagem de todos os indivíduos presentes no contexto social de sua existência, e que tal reprodução se vê expandida pelo poder da mídia, as perguntas foram pensadas para que se pudesse compreender aspectos da vida presente e passada das participantes.

Os do presente foram introduzidos por pergunta referente às suas atuações profissionais e estudantis de hoje, para que a entrevistadora as pudesse conhecer melhor. Em seguida, iniciou-se a abordagem de aspectos referentes a corpos femininos, seus e de outrem: quais os tipos físicos que, para elas, tornam uma mulher mais bonita, como se sentem com seus corpos como são hoje, em que momentos se olham, a parte do corpo em que mais reparam ao olharem suas fotos, entre outras. Disso partimos para as questões referentes à adolescência das entrevistadas, para que elas narrassem como elas e outras pessoas lidavam com seus corpos de então, incluindo questões sobre suas percepções e seus comportamentos em relação a isso.

Partindo para o final das entrevistas, quando já teria sido abordado o histórico das participantes em relação ao tema central da pesquisa, apresentaram-se questões referentes à linguagem que elas presenciaram em seus ambientes de maior convivência cotidiana (como os

escolares e domésticos) materializada através de comentários que pudessem valorizar determinados tipos físicos de mulheres em detrimento de outros.

Também diante da revisão de literatura, apreendeu-se que os temas que aqui pretende-se relacionar entre si (transtornos alimentares e a comunicação) envolvem múltiplos fatores, incluindo aspectos biológicos (como idade e sexo de maior incidência dos TAs), clínicos, culturais, sociais e, portanto, ideológicos, entre outros. Por isso, pensou-se em uma entrevista em profundidade que permitisse às entrevistadas abordar memórias e vivências diversas, por vezes de assuntos misturados (família, corpo delas, corpo de outras mulheres, comentários que ouviram, fotos que viram, etc). Assim, obteve-se relatos muito diversos que, por mais que partissem de perguntas inicialmente planejadas, foram para caminhos diferentes, o que entendo como algo positivo em respeito à diversidade de causas e efeitos característica, como vimos anteriormente, das vivências de transtornos alimentares.

A análise dos resultados dessa metodologia se torna, então, o fundamento da presente pesquisa, para que se possa, por fim, avaliar se existe veracidade na suposição inicial que nela resulta. A escuta das narrativas de vida das participantes do experimento foi essencial para que elas pudessem abordar a linguagem que era e é presente em seus ambientes de convivência social e o que dela elas apreenderam, bem como quais foram os reflexos de tais conotações em seus comportamentos relacionados ao modo como tratavam ou tratam de seus corpos.

### **3. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Para a análise dos relatos obtidos nas entrevistas em profundidade, tem-se como categoria importante o conceito de representações sociais, definido como "um tipo de saber, socialmente negociado e contido no senso comum, que permite ao indivíduo uma visão de mundo e o orienta nas estratégias que desenvolve em seu meio social" (QUEIROZ; CARRASCO, 1995, p. 479). As representações sociais, enquanto conhecimentos enraizados social e culturalmente (HERZLICH, 1991), só adquirem sentido e significado pleno no contexto sócio-cultural e situacional em que se manifestam (QUEIROZ; CARRASCO, 1995, p. 479). Não há comprovações científicas suficientes para afirmarmos que há uma relação direta entre essas e comportamento individual, mas, sim, de que, sendo as representações um código partilhado culturalmente, elas estabelecem motivações para a ação social de cada sujeito enquanto parte de uma comunidade social.

A análise tem como objetivo central evidenciar o compartilhamento, entre as participantes, de determinadas significações ligadas às condutas individuais e coletivas relacionadas a distúrbios alimentares, incluindo práticas e pensamentos deles característicos.

A preocupação com a estética foi a principal motivação referida pelas entrevistadas ao narrarem o período antecessor ao desenvolvimento dos transtornos alimentares, sendo que duas delas desenvolveram bulimia – sem diagnóstico clínico – e uma foi diagnosticada com anorexia nervosa.

Essa, ao contrário do esperado, desenvolveu a doença na tentativa de engordar, mas, sendo geneticamente impedida, viu na alimentação sua inimiga, em um processo constante que foi apenas interrompido ao constatar-se a presença de atitudes anoréxicas. "Eu sempre fui muito magra, dizem que é genética", afirma.

#### **3.1 Relatos da adolescência**

Das três entrevistadas, apenas uma (entrevistada A) afirmou que, na maior parte de sua adolescência, se sentia bem com o próprio corpo. Ela relaciona essa sensação à possibilidade de, na época, praticar com intensidade e frequência exercícios físicos variados: "Eu treinava todo dia, e isso era mais assim porque eu gostava.", mas também notava resultados positivos na forma física. "Eu treinava handebol terça e quinta, treino físico quarta e sexta, e fim de semana geralmente eu ia correr com meu pai.". Ela afirma ser, antes, magra e de músculos

definidos. Foi quando sua rotina começou a mudar, pelo ingresso na faculdade – que a trouxe para São Paulo, capital – que ela começou "a surtar", como conta, por ser imposta a uma rotina de má alimentação e menor intensidade esportiva, devido à falta de tempo entre trabalho e faculdade.

Tudo ficou meio confuso quando eu vim morar em São Paulo, a minha família é toda do Nordeste, é toda do Recife e de João Pessoa, na Paraíba, e eu vim para cá sozinha. [...] Quando me mudei para cá comecei a me alimentar mal assim, então eu às vezes tinha muita preguiça de fazer o almoço. [...] E obviamente o meu corpo mudou, então eu começava a ver que eu tinha engordado.

A entrevistada A, quando adolescente, tinha o hábito de se pesar diariamente, na balança da sua casa ou de quaisquer farmácias, e relatou um sentimento de "neurose" ao ver que tinha engordado. "Isso foi me deixando muito mal. [...] Eu comecei a tentar coisas extremas para eu voltar ao meu corpo de antigamente." Ela disse, também, que em seu ambiente familiar, haviam muitos comentários sobre pessoas que haviam engordado – com conotações negativas – ou emagrecido – com conotações positivas, como se se tratasse de uma "vitória".

Quando, depois de ter ingressado na faculdade, visitava sua família, ela descreveu comentários negativos sobre a mudança que havia sofrido em sua forma física, sendo, muitas vezes, comparada à irmã que, por questões múltiplas, desenvolveu um sobrepeso. "Minha família falava que eu estava mais gordinha, mais cheinha, que eu não era mais magra e isso me assustava também". A partir disso, a participante A começou a pesquisar na internet formas de induzir o vômito e classifica como "bizarro" encontrar com tanta facilidade essas instruções, que convencem as mulheres de que elas devem insistir no ato, contra as vontades físicas de seu corpo. "E eu cheguei a ter essa extremidade, de desejar retomar o corpo mais magro que tinha antes", afirma.

A entrevistada B, por sua vez, afirmou não gostar do seu corpo durante a adolescência por ser ele muito magro em comparação aos corpos de suas colegas, que pareciam estar se "desenvolvendo".

Foi o período dos 12 aos 14 anos em que eu fui muito complexada com o meu corpo, então eu usava roupas mais largas, eu tentava mostrar o menos possível, eu ficava olhando pro corpo das minhas amigas e queria que acontecesse comigo, eu esperava o momento da minha adolescência em que eu ia desenvolver o meu corpo e eu ia ganhar mais peso, mas nunca aconteceu e eu acho que foi um momento bem frustrante, porque é também aquele momento em que você começa a se relacionar.

Ela, então, pediu à mãe que a levasse ao médico para que ele lhe receitasse polivitamínicos e suplementos alimentares, mas que, mesmo assim, não conseguiu engordar e

criou, então, uma inimizade com a comida, porque isso "não a ajudava a conquistar as mudanças que queria". Os comentários de toda a sua família diziam que ela devia comer mais, ao passo em que, na escola, teve "uma fase do bullying", com "os comentários dos coleguinhas e os apelidinhos maldosos", que disse gerar "essa bola de neve" dentro dela.

De acordo com seu relato, ela desenvolveu uma nítida consciência sobre a influência desses fenômenos externos reproduzidos pela linguagem de seus colegas: "As pessoas falavam tanto que eu acho que tomava como verdade, eu falava “realmente, eu preciso engordar” e que se escondia em roupas de tamanhos acima do seu para receber menos comentários, visto que não conquistava o desejado na época através da alimentação: "Foi um fluxo: os comentários das pessoas, a escola, as minhas amigas, todo mundo comentando, algum tipo de bullying, e aí parece que em um momento tudo foi internalizando e quando eu fui ver eu estava deprimida, eu vivia pra aquilo. Eu vivia pra pensar no meu corpo. Eu vivia pra pensar no que eu vou comer. Era um ciclo.", conclui.

Em sequência, a entrevistada C afirma que, apesar de ser mais magra na adolescência do que é hoje, em parâmetros clínicos, se preocupava muito com sua barriga e, para transformá-la, convencia a mãe a levá-la para a aplicação de procedimentos estéticos.

Tudo pra mim era um problema, eu sempre sentia que estava muito gorda. Hoje eu olho minhas fotos da época e não tinha nada, mas eu sempre achava que estava enorme. Eu achava que tinha que ser super magra, ser tipo aquelas modelos. Isso me fazia muito mal. Eu via as pessoas muito magras e pensava que tinha algum problema comigo, então eu não comia e falava pros outros que eu comia pouco mesmo, como se não estivesse havendo um problema.

Seguindo esse pensamento, esse olhar e essa percepção, ela editava suas fotos no Photoshop para modelar as partes que, ao seu ver, faziam com que uma mulher fosse parte do "padrão estético", sobretudo a barriga. Ela relata querer, na época, transparecer perfeição para os outros, nas redes sociais, "então eu tirava toda minha barriga e minhas estriás no Photoshop" antes de publicar as fotos nas suas redes. "Eu gostava de usar cropped mas eu quase não colocava porque as pessoas sempre viam minha barriga com (edição do) Photoshop. Era muito do que eu queria mostrar pros outros", classifica.

Todas as três entrevistadas relataram sentirem-se influenciadas por comentários de pessoas do seu nicho social mais íntimo (familiar e escolar) a respeito de formas físicas e hábitos nutricionais, porque sentiam que esses comentários tornavam-se verdades e mudavam, por vezes, a imagem que elas tinham de seus próprios corpos. "A minha mãe falava tipo ‘O peso que você tem agora, eu não tinha nem com 25 anos’ ", relatou a entrevistada C como um

fator que mudou sua percepção de si mesma: mesmo que seus amigos e demais parentes lhes dissessem considerarem-na uma mulher magra, ela passou, aos poucos, a se sentir e se ver como uma mulher gorda, fato este que agiu como um fator precipitante (desenvolvedor) do seu transtorno alimentar.

Sobre os comentários de que ela era magra, a participante C disse, ainda, que eles foram uma influência para ela se silenciar sobre seus medos e preocupações relacionados ao seu peso. Aos seus 12 anos, ela tornou-se frequentadora assídua da academia e começou a restringir sua alimentação. Ao perceberem esse comportamento, as pessoas ao seu redor diziam que ela estava querendo chamar atenção, porque "já era magra". Isso, para ela, reforçou o ideal de corpo feminino e de aparência centrada nas mulheres magras: afinal, ninguém nunca lhe disse que ser magra ou gorda era o menos importante, que ela não devia se preocupar com isso independente se verem-na como uma mulher assim ou assado.

Os momentos mais marcantes para ela, durante o desenvolvimento de seu distúrbio alimentar, também são relacionados diretamente com comentários externos. Em duas ocasiões, a entrevistada sentia-se bem com seu corpo e passou a olhar para ele de uma outra maneira imediatamente depois de receber comentários de que tinha engordado, "de que estava mais fortinha". Seu sentimento e seu olhar distorcidos de uma hora para a outra resultaram em um agravamento da sua restrição alimentar, chegando a inibir sua fome por horas seguidas, ou até dias, mesmo em atividade.

Na época, sua percepção interna sobre o porquê de ela estar se sentindo bem se as pessoas a viam mais gorda gerou um forte sentimento de culpa: ela pensou que tinha engordado, sim, mas que não havia percebido, por um desleixo, um descuido com sua saúde e sua aparência. "Sim, eu fiquei pensando como não tinha percebido, então olhava no espelho e tentava achar as gorduras que falavam", relatou.

Duas das três entrevistadas (participantes A e C) afirmaram ter a suposição de que seus corpos seriam diferentes e mais magros caso elas seguissem os conselhos e comentários externos. "Se eu ouvisse minha mãe, possivelmente eu seria bem mais magra.", afirmou a participante C. Todas elas afirmam, porém, a luta árdua para não ouví-los a ponto de mudar seus hábitos: "Isso me afetava, com certeza, mas eu tentava driblar porque se eu entrasse no comentário eu entrava no ciclo de novo."

### **3.2 O modelo de corpo admirado**

Todas as entrevistadas disseram em seus depoimentos tentarem se "desconstruir" no que tange às suas respectivas considerações de "corpo ideal". Nota-se, assim, que elas reconhecem serem influenciadas por fatores externos – culturais e sociais – reforçados pela mídia e pelo que ela comunica como modelo estético desejável.

A entrevistada B, que narrou ter sido diagnosticada com anorexia nervosa, ao ser perguntada sobre sua rotina atual e sua atuação profissional relatou que, em seu meio de trabalho, uma empresa de artigos esportivos, é submetida ao consumo de corpos "atléticos", que ela mesma define como o corpo de mulheres com alta definição muscular. Disse a participante, de 22 anos, que "nas campanhas que a gente faz é muito difícil usarem modelos que não são padrão, então a diversidade de corpos é muito restrita ainda. Lá não existe essa cultura ainda. Eu mesma nunca ouvi ninguém falar que achava um corpo um pouco mais gordo bonito. É bem difícil. Mas eu sou super entusiasta e sempre tento levantar a pauta da identidade, tanto que em uma próxima campanha eles vão colocar uma modelo Plus Size. É difícil, né, porque às vezes é uma modelo só que foge do padrão e aí todas as outras são super magras. Então, principalmente no ramo esportivo, é uma mentalidade ainda muito forte de que o corpo atlético, o corpo saudável é um corpo magro, forte e tonificado." Ela acrescenta que, para o seu gosto, o corpo ideal de mulheres são "magros e mais definidos", padrão que ela, por muito tempo, tentou, sem sucesso, alcançar.

O mesmo modelo é compartilhado pela entrevistada mais nova da pesquisa – participante C – , que, com seus 18 anos, afirma admirar corpos "mais atléticos", "mulheres mais altas" e com "músculos definidos", mas que hoje diversifica os modelos que consome através das redes sociais, mesmo que neles note prevalecer, com mais alcance, esse padrão.

Nenhuma das participantes mencionou o nome de modelos e influenciadoras esportivas construídas nos meios digitais de comunicação. A entrevistada A, porém quando questionada sobre a relação que tinha com seu corpo durante sua adolescência, relatou um alto consumo de publicações referenciadas e de alto destaque nas redes sociais, caracterizadas como "influenciadoras fitness", e citou como exemplo a Gabriela Pugliesi.

A personalidade é classificada como uma blogueira fitness brasileira e conquistou sua notoriedade que ganhou notoriedade ao compartilhar nas suas redes sociais dicas de alimentação, atividades físicas e estilo de vida como conselhos para aquelas que quisessem conquistar um corpo semelhante ao seu, magro e de musculatura desenvolvida, com aparente

disposição física. "Você abria os meus Explorar do Instagram e era só isso, só exercício em casa.", afirmou a entrevistada. "Sempre vi esses 'fake saudáveis', porque uma Gabriela Pugliesi fala que é saudável mas ela só come 'mato' [legumes e verduras] e queijo branco, e você nunca vê ela consumindo um biscoito industrializado, e quando você faz isso você fica 'nossa, mas eu não estou sendo saudável'. Na verdade você está só poluindo sua mente."

Ainda sobre esse relato, a entrevistada A afirmou estar passando por aquilo que chamou de "detox" de redes sociais, para reduzir o consumo de padrões estéticos e incluir mais diversidade de beleza em sua rotina. Ela mencionou consumir conteúdos do "Movimento Corpo Livre"<sup>2</sup> para se "desconstruir".

Eu comecei a mudar o conteúdo que eu consumia e acho que isso foi muito importante para eu sair dessa, eu acho que muito do que eu fazia era porque eu me baseava em pessoas que tinham estilos de vida inalcançáveis. Eu comecei a mudar esse conteúdo que eu consumia e mudar meu pensamento.

A entrevistada C, por sua vez, afirma que passou a ser guiada por modelos físicos consumidos pelas redes sociais quando foi apresentada, entre seus 6 e 7 anos, à internet: "A partir daí eu queria muito ser igual a quem eu via. Eu falava que queria colocar silicone, fazer lipo, não comia."

### **3.3 O olhar atual para o próprio corpo**

Quando questionadas sobre a sua percepção de forma física, todas as entrevistadas relataram que, no passado, esse olhar lhes traziam sentimentos de raiva, decepção e angústia, porque queriam "mudá-lo a qualquer custo", gerando planejamentos imediatos de hábitos que poderiam desenvolver como forma para alcançarem o corpo então desejado. Hoje, porém, afirmam exercitar um olhar "gentil" para si mesmas, gerando mais tranquilidade: "Me sinto bem. Está sendo um processo, mas sim. É um processo diário, quando eu me olho eu falo 'seja gentil consigo mesma'", afirma a entrevistada C, com sentimento compartilhado com a anterior, notado pela sua afirmação de que "tinha mais o costume de achar muito defeito, e

---

<sup>2</sup> O Movimento Corpo Livre é uma ação de ativistas digitais, promovida nas redes sociais, em combate à gordofobia – discriminação de pessoas gordas associando-as a uma doença. A iniciativa foi originada nos Estados Unidos em 1996 com o nome de “body positive”, pregando pela desconstrução do padrão estético como um meio de possibilitar às mulheres o amor pelo próprio corpo, “seja ele como for”, afirma Alexandra Gurgel, youtuber fundadora da ação no Brasil. No Instagram, rede de seu maior alcance, o @movimentocorpolivre tem, hoje, cerca de 230 mil seguidores. A hashtag "#corpolivre" foi mencionada em mais de 170 mil publicações na rede.

hoje eu tenho feito muito mais o exercício de achar qualidades e coisas que eu gosto. Hoje eu digo que eu busco isso, mas nem sempre foi assim."

Ainda sobre o ato de se olhar, a entrevistada C relata ser ainda frequente o pensamento de que "podia emagrecer", de que "sua barriga está aparecendo", como narra dizer a si mesma. "O que mais me dá problema é quase sempre a barriga", mas também desejaria ter os membros inferiores mais desenvolvidos, ainda seguindo o modelo de corpo "atlético" mencionado pelas três entrevistadas.

Na vida atual das entrevistadas, esse olhar se resume aos momentos de relação impositiva, como nos atos de tomar banho e se vestir. São esses os momentos em que elas mais se olham, como um todo. "Eu tomo banho, me olho rapidinho. Então não tenho esse momento de vestir uma roupa que eu gosto, me olhar no espelho, me sentir bonita.", relata a participante B.

Duas das entrevistadas (A e B) afirmam praticar esportes universitários. Notou-se, a partir dos relatos, que o olhar para seus respectivos corpos resulta em uma análise do seu desenvolvimento muscular. "Eu acho que eu sempre faço essa relação com exercício físico, afirma a entrevistada A, "tanto para coisas positivas", como quando notou que a prática do atletismo estava deixando sua perna "mais definida", "mais dura" quanto para coisas que, para ela, são negativas, como o balançar da pele de seus braços. Essas sensações advindas do olhar ao corpo a faz pensar que seria necessário aumentar a prática de atividades físicas, já presente em grande parte de sua rotina, para que os aspectos que desgosta em tal observação desaparecessem.

A entrevistada B também narra uma rotina recorrente de prática de esportes, também com foco no atletismo (atividade aeróbica, de gasto calórico superior ao desenvolvimento muscular/hipertrofia) e disse que evita se olhar por mais tempo – para além do que é obrigada, como ao entrar no banho – quando, por questões diversas, está distante dos esportes. "Quando eu faço essas coisas (esportes), eu me sinto melhor com meu corpo." Nessas ocasiões, ela olha para si em média 1 vez ao dia, quando está trocando de roupa, "então eu não tenho esse momento pra me achar bonita, pra me admirar."

Quanto a fotografias pessoais, as entrevistadas mostraram diferenciar-se: uma olha primeiro para o seu rosto e, em sequência, para o seu conjunto corporal; outra, olha primeiro para suas pernas, que sempre achou muito finas e tenta, com a prática de esportes, desenvolver, porque "queria que não fosse assim"; a terceira (C), por sua vez, olha primeiro

para a sua barriga nas fotos, porque têm a impressão de que nelas sua barriga está sempre "maior" do que quando ela se olha no espelho. Quanto à última entrevistada (C) , ela afirma que, hoje, ao ser fotografada, cria "toda uma situação inventando poses pra tentar diminuir a barriga".

Vale a menção de que, perguntadas sobre suas motivações para a prática de esportes, as duas participantes que a trouxeram na conversa afirmam fazê-lo em busca de saúde, mas também pela estética. "Eu gosto de me manter saudável, gosto de comer bem, eu tenho uma dieta vegetariana.", afirma a entrevistada B, e que o faz "pela performance", por isso a escolha do atletismo: "Então, eu realmente corria porque eu queria ser boa, mas no fundo eu sentia que eu corria pelo resultado que me dava, então eu me sentia mais bonita [...] porque eu estava me movimentando", conclui.

As três participantes relataram sentir uma mudança significativa do modo como se relacionam com corpos e hábitos alimentares depois de superarem os transtornos por elas desenvolvidos. Gentileza e respeito à própria forma física são atributos presentes em todos os relatos no que tange ao olhar atual para seus corpos.

A entrevistada B relata, ainda, ter aprendido sobre o respeito aos corpos de terceiras e que hoje considera que “você está magra” nunca é um elogio. "Eu tento me policiar com os comentários porque a gente pode errar a qualquer momento e hoje eu sou uma militante da aceitação. Se eu criar um Instagram pra falar disso, eu vou ser rechaçada porque eu sou magra, mas não é só sobre o corpo magro, eu acho que a gente tem que tentar fazer as pessoas entenderem e serem gentis (com os corpos alheios)".

A entrevistada A afirma que, além do processo diário de autoaceitação, sentiu uma forte mudança no que considera como "padrão estético" – nos corpos que vê e admira – a partir do que chamou de "consumo consciente" da mídia. Isso também é percebido na narração da entrevistada C, que antes tinha a visão de que "só o corpo extremamente magro ou malhado era bonito", mas que agora exercita o olhar de admiração "para diferentes tipos" físicos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma ampla compreensão da linguagem, fundamento das nossas experiências de interação em comunidade – por meio da comunicação – e da sua decorrente importância para a formação dos indivíduos enquanto seres humanos ambientalizados em uma vida em sociedade é o primeiro passo para a melhor compreensão de como percebemos o mundo ao nosso redor.

Na sociedade atual, caracterizada pela diversidade de mídias presentes no nosso cotidiano, há essa forte influência no julgamento do que avaliamos como decisões certas ou erradas, boas ou ruins e, portanto, na formação do nosso senso crítico. A partir da análise crítica dos veículos de comunicação, da mensagem por eles transmitida e dos significados disso resultantes pode-se, enfim, avaliar as cabíveis transformações sociais e nosso papel sobre isso.

Caracteriza-se a contemporaneidade, também, pela ascensão de valores como o individualismo, a fome pelo sucesso e o imediatismo para conquistá-lo. Nesse cenário, o acúmulo de bens materiais e simbólicos fazem do corpo, do estilo de vida, dos hábitos e comportamentos comunicacionais e de ação o espelho da essência de cada sujeito, como se fosse esse o símbolo das suas verdades interiores e, enfim, da sua identidade.

A crescente valorização das aparências corporais, constatada nessa e em outras pesquisas aqui referenciadas, impõe ao corpo a função de exteriorizar a subjetividade individual e construir a identidade de cada ente da sociedade. Potencializado pela mídia – cada vez mais presente no nosso cotidiano e influente, portanto, sobre a nossa percepção de mundo –, esse processo dissemina valores de ideal estético e comportamental e fomenta nas pessoas, sobretudo nas mais vulneráveis a esse tipo de influência – adolescentes do sexo feminino –, a necessidade de adequar-se ao padrão valorizado, ao "socialmente aceito".

Para Bourdieu, pois, a relação com o corpo constrói-se como uma experimentação da nossa posição enquanto sujeitos no espaço social (BOURDIEU, 2007), medida de acordo com a distância entre o corpo real e o que a sociedade legitima como corpo ideal. O conjunto de signos que compõem o corpo é aplicado para distinguir os indivíduos, para categorizá-los, para atribuir-lhes valor. Para o autor, ainda, as propriedades corporais são, enquanto produtos sociais, apreendidas através de categorias de percepção e de sistemas de classificação associados à forma como os agentes sociais inserem-se no seu meio.

Com a prática das entrevistas em profundidade, abriu-se um caminho proveitoso para a pesquisa encontrar seus resultados e para as jovens participantes encontrarem, de volta, suas experiências, base de seu fortalecimento enquanto mulheres que superaram um grande desafio imposto socialmente: o de serem quem são. O roteiro utilizado como base para que tal metodologia se concretizasse variou, na concretude, de acordo com as narrativas de cada entrevistada, permitindo à análise posterior resultados mais ricos e diversificados entre si. Apesar da dificuldade de tratar de um tema complexo e, por vezes, doloroso a quem o presenciou, foram momentos de muita abertura e de grande oportunidade científica para os amantes da linguagem.

A partir delas, aplicadas aqui como metodologia de trabalho empírico, percebe-se que a comunicação verbal transmitida pelos sujeitos com quem mais convivemos e a verbal-visual publicizada pela mídia, sobretudo pelas redes sociais, gera influências sobre o que as mulheres desse grupo pensam sobre si a partir dos significados impostos sobre seus corpos em mútua associação com os de outrem, colocando na figura de mulheres gordas conotações negativas (fundamentadas na ideia de fracasso) e na de mulheres atléticas (magras e de musculatura definida) conotações positivas (fundamentadas na ideia de sucesso ou de vitória). Como buscamos, todos, a nossa representação social, adotam elas hábitos obsessivos e insalubres na tentativa de adaptarem-se aos padrões estéticos atualmente vigentes.

A compreensão do papel que exercemos em sociedade a partir das ideias que transmitimos nos nossos atos comunicacionais possibilita a todos uma comunicação direcionada ao bem-estar social. Os distúrbios alimentares, hoje em ascensão na camada feminina da sociedade, representam um problema de saúde pública que exige, portanto, repensarmos comportamentos comuns que assumem sobre eles o papel de causa, entre outra também já constatadas pelas referências bibliográficas ali elencadas.

Como trazido por uma das entrevistadas (participante B) durante a pesquisa, devemos repensar a quem cabem e em quais ocasiões fazem sentido comentários sobre os corpos alheios, sejam eles de pessoas do sexo feminino ou masculino. Devemos parabenizar alguém por ter emagrecido? Qual o significado que isso pode trazer para o interlocutor direto ou, mesmo, para os que estão ao seu redor no momento da parabenização? Por que seria esse um motivo para reconhecimento, como se se tratasse isso de uma conquista, quando nem se sabe se o sujeito buscava, mesmo, emagrecer, nem seus porquês de se fazê-lo. Devemos, ainda, informar a alguém que notamos certo ganho de massa, nas palavras de “engordou”, como se

esse ganho aproximasse a pessoa de tornar-se gorda? Ainda, como se isso fosse de qualquer forma negativo, a ponto de a pessoa precisar ser "alertada"?

A futuros estudos, sugere-se o aprofundamento sobre as reações psíquicas e comportamentais oriundas das terminologias que, como as supracitadas, utilizam da comunicação social para transmitir valores por vezes estereotipados sobre formas físicas e hábitos alimentares, sem considerar as experiências particulares de cada sujeito, na tentativa de adaptá-lo ao todo do convívio coletivo. Na sequência, estudos relacionados à prática comunicacional da publicidade teriam, por vezes, uma base teórica e experimental mais consolidada para que capacite o meio, seus estudantes e profissionais, à produção de peças que tratam, sim, de corpos, de beleza, de estética – pois são estes valores importantes para o impacto do público – mas de uma maneira socialmente saudável, "culturalmente responsável".

Como isso poderia ser possível, se a publicidade se faz bem sucedida com a veiculação de corpos magros, quando femininos, e corpos musculosos, quando masculinos? Revelando, em igual medida, com igual valor, corpos de outros tipos, incluindo outras formas físicas, outros formatos, outras cores, outros traços? Promovendo mensagens que prezam pela auto-estima da mulher independente de ser ela coerente ou não com os padrões vigentes? São essas algumas suposições, um conjunto inicial de ideias que parte dessa reflexão, na expectativa de que venham, logo, estudos que complementarão ao aqui apresentado.

Uma comunicação consciente se faz necessária. Hoje, já temos material suficiente para comprovar cientificamente essa urgência e para embasar essa mudança como parte de uma transformação social.

## REFERÊNCIAS

- AMBULATÓRIO DE BULIMIA E TRANSTORNOS ALIMENTARES DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS – AMBULIM (Brasil). - **Transtornos Alimentares**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.ambulim.org.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2020.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorder**, Fifth Edition. Arlington, VA, American Journal of Psychiatry, 2013.
- BAKHTIN, M. (VOLOSCHINOV). **Marxismo e Filosofia de Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BANFIELD, S.; MCCABE, M.P. **An evaluation of the construct of body image**. Adolescence, San Diego, v. 37, n. 146, pp. 373-393, 2002.
- BARROS, A., DUARTE, J. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- BITTENCOURT, L.J.; ALMEIDA, R.A. **Transtornos Alimentares: patologia ou estilo de vida?** Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 220-229, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100024>. Acesso em: 11 de junho de 2020.
- BORDO, S. **Reading the slender body**. In *Kathryn Woodward, identity and difference*. London: Opon University, 1997, pp. 167-181.
- BORGES, N.J. et al. **Transtornos alimentares - quadro clínico**. Revista Medicina, Ribeirão Preto, v. 39, n. 3, pp. 340-348, 2006.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2007.
- CARMO, C.; PEREIRA, P.; CÂNDIDO, A.: **Transtornos Alimentares: uma revisão dos aspectos etiológicos e das principais complicações clínicas**. HU Revista, Juiz de Fora, v. 40, n. 3, pp. 173-181, 2014.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLAUDINO, A.M.; BORGES, M.B.F. **Critérios diagnósticos para os transtornos alimentares: conceitos em evolução**. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online], v. 24, nº 3, pp. 07-12, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700003>. Acesso em: 30 de fevereiro de 2020.
- CORDAS, T. **Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico**. *Rev. psiquiatr. clín.* [online], v.31, n.4, pp.154-157, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400003>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.
- COUTO, E. **O homem satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- DINICOLA, V. **Anorexia Multiforme: self-starvation in historical and cultural context**, Part II: anorexia nervosa as a culture reactive syndrome. *Transcultural Psychiatric Research Review*, v. 27, pp. 245-286, 1990.
- DOYLE, J.; BRYANT-WAUGH, R. Epidemiology. In: Lask B, Bryant- Waugh R, eds. **Anorexia nervosa and related eating disorders in childhood and adolescence**. 2th ed. East Sussex: Psychology Press. Florence, pp. 41-61. 2000.
- DUBAR, C. **A socialização-construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Ed. Porto, 1997.
- FIORIN, J. **Enunciação e Comunicação**. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, . pp. 45-78, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Teoria dos signos**. In: J. Luis (org). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, pp. 10-24, 2007.
- GREGOLI, M. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, v. 4, n.11, pp. 11-25, 2007.

- GONÇALVES, V.O.; MARTÍNEZ, J.P. **Imagem corporal de adolescentes: um estudo sobre as relações de gênero e influência da mídia.** Comunicação e Informação, v. 17, nº 2, pp. 139-154, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/31792>. Acesso: em 11 de junho de 2020.
- GOWERS, S.G.; SHORE, A. **Development of weight and shape concerns in the aetiology of eating disorders.** British journal of hospital medicine. London, v. 42, pp. 179-236. 2001.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.
- HARRISON, K; CANTOR, J. **The relationship between media consumption and eating disorders.** Journal of Communication Disorder, v. 47, pp. 40–67, 1997.
- HELLER, A. **Sobre preconceitos.** In: O cotidiano e a história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HERCOWITZ, A. **Transtornos alimentares na adolescência.** Pediatria moderna, v. 51, n. 7, 2015.
- HERZLICH, C. **A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença.** Physis. Revista de Saúde Coletiva, v. 1, pp. 23-36, 1991.
- HSU, L.K. **Epidemiology of the eating disorders.** Psychiatr. Clin. North. Am., v. 19, pp. 681-700, 1996.
- LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs) **Olhares sobre a Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LIRA, L.C. **Narrativas de Ana: corpo, consumo e self em um grupo pró-anorexia na internet.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- LOPEZ-FERNANDEZ, O.; FREIXA-BLANXART, M.; HONRUBIA-SERRANO, M.L. **The problematic internet entertainment use scale for adolescents: prevalence of problem internet use in Spanish high school students.** Cyberpsychol Behav Soc Netw, v. 16, n. 2, pp. 108-118, 2013. Disponível em: [doi:10.1089/cyber.2012.0250](https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0250). Acesso em: 10 de junho de 2020.
- LUDEWIG, A.M.; RECH, R.R.; HELPERN, R.; ZANOL, F.; FRATA, B. **Prevalência de sintomas para transtornos alimentares em escolares de 11 a 15 anos da rede municipal de ensino da cidade de Nova Petrópolis.** RS: Revista da AMRIGS, v. 61, n. 1, pp. 35-39, 2017.
- MACIEL, A.M. **A importância da imagem no cenário da contemporaneidade: uma necessidade da educação do olhar.** Revista Temas em Educação, v. 22, pp. 95-109, 2013.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2002.
- MANGUEL, A. **Lendo imagens: Uma história de amor e ódio,** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- MEIER, E. P.; GRAY, J. **Facebook photo activity associated with body image disturbance in adolescent girls.** Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, v. 10, n. 10, pp. 1-8, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/cyber.2013.0305>. Acesso em: 6 de junho de 2020.
- MORGAN, C. M. et al. **Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais.** Revista Brasileira Psiquiatria, São Paulo, v.24, n.3, pp. 18-23, 2002.
- MORTON R. **Of a nervous consumptions (1964) — in Ander sen Pratica! comprehensive treatment: of anorexia nervosa and bulimia.** J Hopkins U Press, Nova Iorque, 1985.
- NIELSEN, S. **Epidemiology and Mortality of Eating Disorders.** Psychiatric Clinics North America. Bethesda, v.24, no.2, 2001.
- NOVAES, J. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- NUNES, M.A. **Aspectos Sócio-culturais.** In: Apolinário (Orgs). **Transtornos Alimentares e obesidade.** Porto Alegre: ArtMed, pp. 89-96, 1998.
- OGDEN, J; STEWARD, J. **The role of the mother daughter relationship in explaining weight concern.** International Journal of Eating Disorders, v. 28, pp. 78-83, 2000.
- PALMA, R.F.M.; SANTOS, J.E.; RIBEIRO, R.P.P. **Hospitalização integral para tratamento dos transtornos alimentares: a experiência de um serviço especializado.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, pp. 31-37, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000100005>. Acesso em: 11 de junho de 2020.

- PATTON, G.C. et al. **Onset of adolescent eating disorders: population based cohort study over 3 years.** BMJ. Parkville Victoria, v. 318, n. 7186, pp. 765-768, 1999.
- PEDROSA, R.L.; TEIXEIRA, L.C. **A perspectiva biomédica dos transtornos alimentares e seus desdobramentos em atendimentos psicológicos.** Revista USP, v. 26, n. 2, pp. 221 -230, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140035>. Acesso em: 11 de junho de 2020.
- PHILIPPI, S.T.; ALVARENGA, M. **Transtornos alimentares: uma visão nutricional.** In: Cordás TA, Salzano FT, Rios SR. Os transtornos alimentares e a evolução no diagnóstico e no tratamento. Barueri: Manole, São Paulo, pp. 39-62, 2004.
- QUEIROZ, M.S.; CARRASCO, M.A.P. **People with Leprosy in Campinas, Brazil: An Anthropological Perspective.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.11, n. 3, pp. 479-490, 1995.
- RASTAM, M; GILLBERG, C. **The family background in anorexia nervosa: a population-based study.** J. Am. Acad. Child Adolesc. Psychiatry, v. 30, pp. 283-289, 1992.
- REOLID-MARTÍNEZ, R.E. et al. **Frecuencia y características de uso de Internet por adolescentes españoles: um estudio transversal.** Archivos Argentinos de Pediatría, v. 114, n. 1, pp. 6-13, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5546/aap.2016.6>. Acesso em: 6 de junho de 2020.
- RIBEIRO, R.P.P.; SANTOS, P.C.M.; SANTOS, J.E. **Distúrbios da conduta alimentar: anorexia e bulimia nervosas.** Medicina, Ribeirão Preto, v. 31, pp. 45-53, 1998.
- SAITO, M.I.; SILVA, L.E.V. **Adolescência: prevenção e risco.** In: Cereser MG, Cordás TA. Transtornos alimentares: anorexia nervosa e bulimia. São Paulo: Atheneu; pp. 269-276, 2001.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** 2. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SIMAS, J.P.N.; GUIMARÃES, A.C.A. **Ballet clássico e Transtornos Alimentares.** Rev. Da Educação Física. Maringá, v.13, n.2, pp. 119-126, 2002.
- SONTAG, S. **Ensaios sobre fotografia.** Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
- SPIZZIRRI, R.C.P.; WAGNER, A.; MOSMANN, C.P.; ARMANI, A.B. **Adolescência conectada: mapeando o uso da internet em jovens internautas.** Psicologia Argumento, v. 30, pp. 327-335, 2012.
- SWANSON, S. A.; CROW, S.J.; LE GRANDE, D.; SWENDSEN, J.; MERIKANGAS, K.R. **Prevalence and correlates of eating disorders in adolescents.** Archives of General Psychiatry, v. 68, n. 7, pp. 714-723, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2011.22>. Acesso em: 11 de junho de 2020.
- UZUNIAN, L.G.; VITALLE, M.S.S. **Habilidades sociais: fator de proteção contra transtornos alimentares em adolescentes.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, n. 11, 3495-3508, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.18362014>. Acesso em: 11 de junho de 2020.
- VALE, A.M.O.; ELIAS, L.R. **Transtornos Alimentares: uma perspectiva analíticomportamental.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 13, n. 1, pp. 52-70, 2011.
- VITIELLO, B.; LEDERHENDLER, I. **Research on eating disorders: Current status and future prospects.** Biological Psychiatry, Israel, v. 47 n. 9, p. 777-86, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, p. 119, 2005.

## **APÊNDICE - Roteiro das Entrevistas em Profundidade**

### **a) Abertura da entrevista**

"Antes de darmos início às perguntas, vou apresentar para você o porquê de estarmos aqui reunidas. Como havia me apresentado anteriormente, eu me chamo Júlia Fagundes e estou me formando em Publicidade e Propaganda na USP. Essa experiência é uma das metodologias que compõem meu TCC, que tem como tema a influência da comunicação sobre transtornos alimentares em mulheres adolescentes. Essa entrevista deve durar cerca de 30 minutos, mas você tem todo o tempo que precisar para responder às questões. Como estamos em período de isolamento social, gostaria de confirmar com você se se importa de eu habilitar o botão de gravação da conversa no meu aplicativo, para facilitar minhas análises posteriores."

### **b) Perguntas introdutórias: apresentação**

*Pergunta 1:* "Como você se chama?"

*Pergunta 2:* "Quantos anos você tem?"

*Pergunta 3:* "Qual a sua trajetória e o que "faz da vida" atualmente?"

### **c) Desenvolvimento do tema de pesquisa: Comunicação e transtornos alimentares**

"Agora vamos para uma segunda etapa da entrevista, dando início a conversa sobre o tema da pesquisa, focado em corpos femininos.

*Pergunta 4:* "Que corpos femininos você admira?", "Caracterize pra mim o "modelo ideal".

*Pergunta 5:* "Você costuma olhar para o seu corpo?", "Em que momentos você o faz?"

*Pergunta 6:* "E o que você sente quando olha pro seu corpo?"

*Pergunta 7:* "Quando você olha alguma foto sua, para onde você olha primeiro?"

*Pergunta 8:* "Agora vamos falar da sua adolescência: Como era seu corpo nesse período?", "Você fazia algo para mudar isso?", "O quê você fazia?" "Por quê você fazia isso?", "Como você fazia isso?", "E chegou a haver algum diagnóstico?", "Qual foi a reação que você teve?", "E qual foi a reação da sua família?"

*Pergunta 9:* "Agora vamos falar especificamente do transtorno que você relatou, ok?", "Você era satisfeita com o seu corpo?", "As pessoas ao seu redor comentavam muito a sua forma física? E sobre o que você comia?", "Você falava sobre o seu corpo com as pessoas? Com quem? Por quê você tinha essas conversas?"

*Pergunta 10:* "O que as pessoas ao seu redor comentavam sobre corpos em geral?", "O que elas comentavam sobre o seu corpo?", "Se você fosse seguir esses conselhos, como você imagina que seria seu corpo? E a sua saúde?"

*Pergunta 11:* "Quais foram os momentos mais marcantes desse período?", "Como era a sua rotina na época?", "O que você fazia ao longo dos dias?"

*Pergunta 12:* "E agora, você está satisfeita com o seu corpo?"

*Pergunta 13:* "Você sente que o seu relacionamento com corpos e hábitos alimentares em geral é diferente depois de ter passado por essas situações?"

*Pergunta 14:* "Qual mensagem você gostaria de transmitir para as mulheres sobre o relacionamento que elas têm com seus corpos?"

d) Finalização: notificar as entrevistas de estar o experimento encerrado, agradecer pela participação e informar que a gravação será utilizada apenas para facilitar as análises das respostas